

# Estatuto sintático das orações introduzidas pelas construções (prep) + det + N temporal + (prep) + que

Marli Hermenegilda Pereira(UFRJ PG)  
Maria da Conceição de Paiva (UFRJ)

## N

### Resumo

o português brasileiro, orações formadas com as construções *na hora (em) que*, *no dia (em) que* e *na época (em) que* podem ser interpretadas como um nome seguido de uma oração encaixada adjetiva ou como uma oração temporal hipotática introduzida por uma locução conjuntiva temporal. Através de uma análise em tempo real de algumas propriedades gramaticais, semânticas e sintagmáticas dessas orações, fornecemos evidências favoráveis à segunda interpretação.

Palavras-chave: Funcionalismo; Articulação de orações; Hipotaxe temporal.

### Introdução

Os processos de articulação de cláusulas despertam interesse particular no âmbito dos estudos funcionalistas pelo que podem contribuir para desvendar os

mecanismos envolvidos na maleabilidade das línguas. Em linhas gerais, os trabalhos sobre articulação de orações defendem uma reinterpretação da tradicional dicotomia coordenação X subordinação, negando a existência de uma fronteira rígida entre estes dois pólos e propondo um continuum na hierarquia de integração de cláusulas (Cf. LEHMANN, 1988; HAIMAN e THOMPSON, 1984). Este artigo insere-se nessa temática ao focalizar o estatuto sintático das orações introduzidas pela seguinte construção: (*prep*) + *det* + *N temporal* + (*prep*) + *que*, como ilustram os exemplos (1) e (2) abaixo:

- (1) **Na época que eu dançava**, eu saía mais... (Amostra Censo 2000)
- (2) F- Ah! Elas cozinham tudo bem.  
E- Ah é?  
F- Quer dizer, elas não cozinham, porque eu estou aqui, não é?  
Mas elas sabem cozinhar. **A hora que eu não puder**, elas fazem não é? (Amostra Censo 80)

Acompanhando a posição já colocada em outros autores (MATEUS et al., 1983, NEVES, 2000 e BECHARA 2000), admitimos que o estatuto gramatical dessa construção é ambíguo, possibilitando duas interpretações. Na primeira, tem-se um núcleo nominal modificado por uma cláusula relativa (*prep* + [*N temporal* + *que* + oração adjetiva]). Na segunda interpretação, tem-se uma cláusula temporal introduzida por uma conjunção complexa ([*prep* + *N temporal* + *que*] + oração temporal) resultante de um processo de gramaticalização em curso no português (Cf. PEREIRA, 2005). O nosso objetivo central é o de depreender, através de uma análise em tempo real, evidências favoráveis à segunda interpretação. Defendemos a hipótese de que as orações introduzidas pelas construções com núcleos temporais se situam em um ponto de vinculação mais frouxo, comportando-se, portanto, como as orações hipotáticas temporais.

Diversos nomes de valor temporal são passíveis de integrar essa construção, ocupando a posição nuclear do sintagma nominal<sup>1</sup>. Dada a sua maior produtividade nas amostras analisadas, restringimo-nos, no entanto, às construções com os itens **dia**, **hora** e **época**.

As construções (*prep*) + *det* + *N temporal* + (*prep*) + *que* são analisadas em duas amostras de fala da variedade não culta do português carioca, representativas de dois momentos separados por um interstício de aproximadamente 20 anos (início da década de 80 e início dos anos 2000)<sup>2</sup>. Essas amostras, além de possibilitarem a observação sincrônica do fenômeno, permitem a realização de um estudo em tempo real de curta duração. Com o objetivo de identificar os contextos de ocorrência das orações introduzidas pelas construções em foco, controlamos diversas propriedades formais, semânticas e discursivas. Neste artigo, são discutidos aspectos relacionados à explicitude do sujeito e à correferencialidade entre os sujeitos das duas orações relacionadas, as relações proposicionais que entre elas emergem e a organização sintagmática dos enunciados, parâmetros freqüentemente apontados como relevantes para a mensuração do grau de integração entre duas orações (Cf. LEHMANN, 1988;

HAIMAN e THOMPSON, 1984; KOCH, 1995; LIMA-HERNANDES, 1998; BRAGA, 1999; CEZÁRIO, 2001; CARVALHO, 2004). Dado o objetivo de verificar o alinhamento das orações introduzidas pelas construções com N temporais e as orações hipotáticas temporais, comparamos os resultados encontrados com os examinados em outros estudos sobre orações temporais (SOUZA, 1996; BRAGA, 1999; PEREIRA, 1999; LIMA-HERNANDES, 1998 e MENDES, 2003).

Ao longo do artigo, apresentamos evidências favoráveis a essa hipótese, mostrando, através de uma análise em tempo real, a conjugação de propriedades que caracteriza essas orações. Na seção 2, focalizamos a forma de realização e a correferencialidade entre os sujeitos das orações; na seção 3, as relações proposicionais que emergem nos períodos com essas construções e, na seção 4, a disposição sintagmática das orações.

## 1 Explicitude e identidade dos sujeitos das orações

Numa perspectiva que considera a vinculação de cláusulas como um continuum, a forma de realização dos sujeitos das orações constitui um dos principais parâmetros definidores do tipo de relação entre duas orações. A hipótese subjacente é a de que a maior identidade entre os sujeitos assim como sua omissão sinalizam maior vinculação sintática entre as cláusulas (Cf. LEHMANN, 1988, HAIMAN e THOMPSON, 1995, BRAGA, 1999); sujeitos distintos e não correferenciais, ao contrário, sinalizam menor integração entre duas orações.

Na análise dos períodos construídos com as construções (*Prep*) + *det* + *N temporal* + (*prep*) + *que*, consideramos, inicialmente numa única variável, a explicitude ou não do sujeito das duas orações relacionadas e a sua forma de realização: sintagma nominal pleno (SN pleno), sujeito pronominal (aí incluindo os pronomes pessoais, demonstrativos e indefinidos) e sujeito zero.

Os resultados obtidos para a análise da explicitude dos sujeitos das orações introduzidas pelas construções com N temporais e da oração núcleo no estudo de tempo real de curta duração encontram-se nas tabelas 1 e 2, para as décadas de 80 e 2000, respectivamente.

**Tabela 1-** Correlação de tipo de sujeito entre as duas orações - Década de 80

Tipo de sujeito		Amostra 80		
Or. Int. por Sprep.	Or. Núcleo	Dia	Hora	Época
Suj. Pron.	Suj. pron.	5/15=33.5%	9/22=40.5%	5/9=56%
	Elipse	5/15=33.5%	4/22=18%	-
	SN pleno	-	3/22=14%	3/9=33%
Suj. O	Suj. pron.	1/15=6.5%	1/22=4.5%	-
	Suj. O	-	3/22=14%	-
SN Pleno	Suj. pron.	3/15=20%	-	-
	Suj. O	1/15=6.5%	1/22=4.5%	-
	SN pleno	-	1/22=4.5%	1/9=11%

**Tabela 2** - Correlação de tipo de sujeito entre as duas orações- Década de 2000

Tipo de sujeito		Amostra 00		
Or. int. por Sprep.	Or. Núcleo	Dia	Hora	Época
Suj. Pron.	Suj. Pron.	4/7=57%	3/8=37.5%	4/8=50%
	Suj. O	1/7=14.5%	2/8=25%	1/8=12.5%
	SN pleno	2/7=28.5%	-	2/8=25%
Suj. O	Suj. Pron.	-	1/8=12.5%	1/8=12.5%
	SN pleno	Suj. O	-	2/8=25%

Mantendo as ressalvas necessárias em função do baixo número de dados e da distribuição bastante desequilibrada das células, os resultados da tabela 1 evidenciam que, na década de 80, as construções com *dia* e *hora* apresentam uma configuração variada de tipos de realização de sujeitos, enquanto as construções com o item lexical *época* tendem a ser mais restritivas.

Os períodos com as construções com *hora* e *época* concentram-se acentuadamente na correlação sujeito pronominal + sujeito pronominal: (40.5%), para as primeiras e 56%, para as segundas. Nos períodos introduzidos pelas construções com *dia*, a taxa percentual para esse tipo de correlação se identifica àquela de sujeito pronominal + sujeito zero (33.5%). As construções com *dia* admitem ainda, de forma mais expressiva, a correlação SN pleno + sujeito pronominal (20%); as construções com *hora*, sujeito pronominal + SN pleno e sujeito zero + sujeito zero, ambas com 14%. Nas construções com *época* seguem-se as correlações sujeito pronominal + SN pleno com 33% das ocorrências e SN pleno + SN pleno com 11% dos dados.

Os resultados da tabela 2, relativos à sincronia de 2000, confirmam a tendência de predominância da correlação sujeito pronominal + sujeito pronominal nos períodos com as construções em estudo. Podem ser constatadas, no entanto, algumas diferenças na distribuição das correlações no espaço de tempo que separa as duas amostras, indicativas de uma possível trajetória dessas construções.

Comparando os resultados das duas amostras, pode-se constatar um aumento na frequência da correlação sujeito pronominal + sujeito pronominal nas construções com *dia*, passando de 33.5%, em 80, para 57%, em 2000. Nas construções com *hora* e *época*, essa correlação apresenta percentuais similares, mantendo-se estável. Em 80, as construções com *hora* apresentam 40.5% e, em 2000, 37.5% e as formas com *época*, em 80, apresentam 56% e, passando, em 2000, para 50%. Continuam predominando, portanto, nos períodos com as três construções, sujeitos pronominais nas duas orações.

É interessante observar que, enquanto a correlação preferencial mantém-se estável, outras correlações aumentam o seu percentual. Comparando, por exemplo, os resultados para as duas construções com *hora* nas duas décadas, as correlações sujeito pronominal + sujeito zero, sujeito zero + sujeito pronominal e SN pleno + sujeito zero sofrem um considerável aumento.

Nos resultados para as duas sincronias pode ser constatado também um certo paralelismo no comportamento das orações com *dia* e *hora*, em opo-

sição ao comportamento das orações com *época*. Na amostra de 80, as construções com *dia* e *hora* apresentam uma correlação bastante diversificada de forma de realização dos sujeitos da oração introduzida pelo Sprep. e da oração núcleo. Na amostra de 2000, há uma redução de contextos de ocorrência dessas duas formas que restringem suas possibilidades de tipo de sujeito. As orações com *dia* codificam somente sujeitos pronominais e as construções com *hora* ocorrem com os três tipos de sujeitos, mas de forma restrita. Por outro lado, as construções com *época* que se apresentavam, na amostra de 80, restritas a alguns contextos, tais como, sujeito pronominal + sujeito pronominal, sujeito pronominal + SN pleno e SN pleno + SN pleno, espriam-se para outros contextos, na amostra de 00, como é o caso das correlações envolvendo o sujeito zero.

Transparece ainda, nas tabelas acima, uma certa tendência à realização de sujeitos explícitos nas orações introduzidas pelos N temporais. Se tomarmos, isoladamente, os resultados para a explicitude do sujeito das orações introduzidas pelas construções com N temporais (sujeitos pronominais e SNs plenos) teremos: itens com *dia* 93.5% (amostra 1980) e 100% (amostra 2000); itens com *hora* 81.5% (amostra 80) e 87.5% (amostra 2000) e itens com *época* 100% (amostra 1980) e 87.5% (amostra 2000). Na amostra de tempo real de longa duração, teremos: itens com *tempo* 71%; itens com *dia* 86% e itens com *hora* 81.5%.

Sob certos aspectos, esses resultados podem estar refletindo a tendência do português brasileiro à perda da possibilidade de licenciar sujeito vazio, mostrada em diversos trabalhos (Cf. DUARTE, 1995; 2003). A este respeito DUARTE (2003) afirma: "pode-se, pois, dizer, com base em tais resultados e nos altos índices percentuais de aplicação da regra, que, embora relativamente estável no espaço de tempo considerado, a mudança em direção ao preenchimento do sujeito prossegue lentamente. O certo é que o sujeito expresso já é uma opção não marcada no PB em contextos não coordenados". (DUARTE, 2003, p. 128).

No que se refere à configuração preferencial de correlação entre os sujeitos das duas orações, os períodos com as construções (Prep) + det + N temporal + (prep) + que refletem perfeitamente a configuração já depreendida nos períodos com orações temporais, principalmente nos construídos com orações introduzidas pelo conector **quando**. Os estudos de LIMA-HERNANDES (1998) e de BRAGA (1999) sobre as orações introduzidas por **quando** apontam a predominância de sujeitos preenchidos, principalmente, através de pronomes nos enunciados temporais. BRAGA (idem, p. 449) afirma que os resultados "levam a crer, conseqüentemente, que é a própria oração hipotática que constitui um contexto favorável à explicitação do sujeito, reiterando, então, uma hipótese de HAIMAN, qual seja, a de que a explicitação do sujeito é um traço das hipotáticas".

Associado ao sujeito, e freqüentemente utilizado para medir a integração sintática entre orações, é o traço identidade ou não identidade do sujeito das orações relacionadas. Assim, numa concepção de orações em termos de um continuum, as orações hipotáticas, um grau intermediário de vinculação sintática, tendem a apresentar maior índice de sujeitos não-correferenciais em relação às encaixadas, mais freqüentemente correferenciais.

Os sujeitos das orações núcleo e da oração introduzida pelas construções com N temporais podem possuir referentes idênticos ou distintos, refletindo mudança ou manutenção de participantes no discurso, como mostram os exemplos a seguir:

**- Sujeitos idênticos**

- (3) E- Então, não andava também?  
F- Não, não andava, deitadinho lá, não sei se morreu. Para mim, ele não deve ter escapado, não é? Na época que **eu** estive lá que **eu** vi. E nesse muitas outras. (Censo80)

**- Sujeitos distintos**

- (4) E- Cinco?  
F- Não. [Duas]- duas e meia, [uma]- uma hora e meia de ir de aula. Aí está. [Aí] (inint) eu levei esse negócio para explicadora. Sabe que hora que eu voltei? (est) Minha mãe foi sair para trabalhar meio dia, (est) meio dia e meio. E aí na hora que **eu** voltei **ela** já tinha chegado. (Censo80)

Na tabela 3, mostramos a distribuição das construções de acordo com essa propriedade, comparando as duas décadas.

**Tabela 3** - Correferencialidade entre os sujeitos das duas orações - Décadas de 80 e 2000

Identidade ou não entre os sujeitos	Dia		Hora		Época	
	1980	2000	1980	2000	1980	2000
Suj. idênticos	8/15= 53%	1/9=11%	6/24=25%	7/11= 64%	3/11=28%	4/9= 44%
Suj. diferentes	7/15=47%	8/9=89%	18/24=75%	4/11=36%	8/11=72%	5/9=56%

De acordo com os resultados da tabela 3, as orações com *dia*, *hora* e *época*, na amostra de 80, selecionam, preferencialmente, sujeitos distintos, não correferenciais. Nas construções com *dia*, essa preferência aumenta significativamente, subindo de 47%, na amostra de 80, para 89%, em 2000. As construções com *hora* apresentam um comportamento inverso ao das construções com *dia*, diminuindo o índice de sujeitos diferentes na segunda sincronia: de 75%, em 80, para 36% dos dados, na amostra de 2000. As orações com *época* também reduzem sua taxa de sujeitos distintos em 2000, passando de 72% para 56%, embora continuem selecionando preferencialmente essa correlação.

No que se refere à correferencialidade ou não entre os sujeitos, uma comparação com as orações hipotáticas de *quando* é menos decisiva. Os nossos resultados refletem apenas parcialmente os obtidos por LIMA-HERNANDES (1998, p.153), que encontra os mesmos índices para sujeitos correferenciais e sujeitos não correferenciais (46%). Com base nos resultados acima, pode-se dizer que as construções com *época* e *hora* são as que mais se aproximam

dessa configuração, já que apresentam uma distribuição mais equilibrada para os dois tipos de sujeito. As orações introduzidas pelas construções com *dia* apresentam ainda uma forte tendência a codificarem sujeitos não-correferenciais.

Confrontando os resultados acima aos de MENDES (2003), pode-se dizer que, na verdade, a correferencialidade entre os sujeitos das duas orações parece ser um traço menos decisivo na definição da natureza sintática das orações temporais. A autora mostra que as hipotáticas tendem a selecionar, preferencialmente, sujeitos [- idênticos] que correspondem a 61% dos dados contra 39% de sujeitos [+ idênticos]. As encaixadas seguem a mesma tendência, apresentando 77% de sujeitos [- idênticos] contra 23% de sujeitos [+ idênticos].

Para PEREIRA (1999), a correferencialidade ou não entre os sujeitos está correlacionada à forma de ordenação das orações, ou seja, em orações temporais antepostas a sua oração núcleo, predominam sujeitos não correferenciais, correspondendo a 75% dos dados. Em orações pospostas, ao contrário, tendem a predominar sujeitos correferenciais (25% dos dados). Uma explicação possível para este comportamento é apontada pela autora:

A identidade dos sujeitos gramaticais desencadeia o fortalecimento da integração sintática, uma vez que duas orações compartilham alguns termos que desempenham as mesmas funções. As orações temporais antepostas, em sua maioria, não compartilham o mesmo sujeito da oração núcleo. As orações temporais pospostas, por sua vez, codificam, preferencialmente, sujeitos idênticos aos da oração com que se relacionam, formando uma unidade mais integrada e mais forte com a oração núcleo. (PEREIRA, 1999, p.122)

Se aplicada às orações introduzidas por N temporais, essa hipótese pode explicar a predominância de sujeitos não correferenciais, na medida em que mais de 70% dessas orações são antepostas à oração núcleo, como veremos mais à frente. Considerando, portanto, tanto a explicitude quanto a forma de realização do sujeito das duas orações do período, pode-se dizer que as orações introduzidas pelas construções (Prep) + det + N temporal + (prep) + que apresentam propriedades que as aproximam das orações hipotáticas. A conjugação dessas duas propriedades é um indício de que as orações focalizadas estariam assumindo uma configuração sintática mais próxima da que caracteriza os períodos complexos com orações hipotáticas.

## 2 Relação proposicional entre as orações

A possibilidade de emergência e superposição de diferentes relações proposicionais entre as orações de um período complexo já foi apontada por MANN e THOMPSON (1986), para quem essas relações são inferidas quando da adjacência de duas orações ou porções discursivas maiores, não sendo "transportadas", pois, apenas pelo conector que as relaciona. Diversos estudos sobre as orações hipotáticas temporais já destacaram que, tanto na modalidade escrita (SOUZA, 1996; PEREIRA, 1999), quanto na modalidade falada (LIMA-HERNANDES, 1998), as orações temporais, principalmente as de *quando*, apresentam uma grande ambigüidade semântica, podendo desencadear diversas

relações proposicionais próximas das de tempo, como: tempo/causa, tempo/condição, tempo/concessão, entre outras. Essa ambigüidade deriva, pelo menos em parte, de um conjunto de características formais, semânticas e discursivas dessas orações, tais como: tipo de conectivo, ordem, correlação modo-temporal, tipos de verbos (Cf. NEVES, 2001). LIMA-HERNANDES (1998) considera, no entanto, que, no processo de encaixamento, aí incluindo exatamente as orações focalizadas neste estudo, a interpretação reduz-se exclusivamente à noção temporal: "no processo de hipotaxe, as orações estão, na maioria, distribuídas em dois tipos: orações que passam exclusivamente a noção de tempo (43%) e orações que possibilitam a interpretação de tempo, modo e condição (30%). No processo de encaixamento, as orações possibilitam a interpretação de uma única noção: tempo".(LIMA-HERNANDES, 1998, p. 170). Nossa análise mostra, no entanto, que, nos períodos que envolvem as construções com os núcleos temporais *dia*, *hora* e *época*, podem emergir diversas relações associadas ao nexos condicional, superpondo-se, freqüentemente, as noções de tempo, causa e condição, como mostram os exemplos a seguir:

#### -Tempo

- (5) F: (...) A moça entrou com uma bolsa assim ela, em vez de carregar bolsa numa com uma das mãos, não, carregou ela no colo. Quando entrou no ônibus com ela assim, com a carteira em cima, entrou um assaltante na frente dela, o outro ficou atrás. Ele pegou a bolsa, deu para o outro, saltou. **Na hora que ela foi saltar, o ônibus andou.** (Censo80)

Nesse exemplo, a oração *Na hora que ela foi saltar* estabelece as coordenadas temporais do fato expresso na oração núcleo ("o ônibus andou"), situando-o temporalmente, e sinaliza o reduzido espaço de tempo que separa os dois estados de coisas relacionados.

#### -Tempo /causa

- (6) F: Ninguém botava! E se entrassem lá, ele matava, botava pra correr, e o pessoal todo mundo pagava ele pra olhá. **No dia que ele foi embora, o pessoal botaram boca-de-fumo lá,** aí teve polícia, teve tudo, aí pagam ele pra ele voltar. (Censo2000)

No exemplo (6), a oração *No dia que ele foi embora*, além de precisar temporalmente o estado de coisas descrito na oração núcleo (*o pessoal botaram boca-de-fumo lá*), também exprime uma relação de causa/conseqüência com o seu núcleo. O fato expresso na oração satélite pode ser tomado como a causa do que está expresso na oração núcleo (porque ele foi embora o pessoal botou uma boca-de-fumo lá).

#### -Tempo /condição

- (7) F: Então, eu quero, sabê como é que é? Eu quero ser um policial, está



entendendo? Para quando precisar agir, eu vou agir, agora, quando não precisar: "oba, tudo bem". Fazer minha -meu ambiente como eu sempre fiz. Mas **a hora que precisar agir, não adianta eu pensar duas vezes, que eu vou agir**. Não vou ter medo não. (Censo80)

No exemplo acima, subjacente à interpretação temporal, pode emergir também uma relação condicionante/condicionada entre as duas orações. O fato expresso na oração núcleo *eu vou agir* é apresentando de forma contingencial, dependente da condição colocada na oração *a hora que precisar* (se precisar agir eu vou agir).

Os resultados obtidos para a relação proposicional entre as duas orações do período são apresentados na tabela 4.

**Tabela 4** - Relação proposicional entre as orações - Décadas de 80 e 2000

Relação	Dia		Hora		Época	
	1980	2000	1980	2000	1980	2000
Tempo	12/16= 75%	4/9= 44.5%	17/26= 65%	7/11= 64%	10/11= 91%	7/9= 78%
Tempo/causa	1/16= 6.25%	2/9= 22%	7/26= 27%	- -	1/11= 9%	2/9= 22%
Tempo/condição	3/16= 18.75%	3/9= 33.5%	2/26 = 8%	4/11= 36%	- -	- -

Destaca-se a predominância da relação temporal nos períodos que envolvem as construções em análise: na amostra de 1980, a ordem de correlação dos diferentes núcleos temporais com a relação proposicional de tempo é: construções com *época* (91%); construções com *dia* (75%) e construções com *hora* (65%). Em 2000, observa-se uma redução, principalmente nas construções com *hora* e *época*, da relação temporal em favor do aumento da realização de outras relações proposicionais. Nas duas sincronias, o item *época* é o que apresenta menor versatilidade, concentrando-se na relação temporal.

Considerando cada um dos núcleos temporais separadamente, verifica-se que as construções com *dia*, em 1980, codificam, em segundo lugar, a relação proposicional tempo/condição, correspondendo a 18.75% dos dados. Embora essa hierarquia se mantenha em 2000, obtém-se uma distribuição mais equilibrada pelas três relações associadas ao domínio da condicionalidade, indicando maior versatilidade dessas construções.

As orações com *hora*, em 1980, apresentam, na segunda posição, a superposição tempo/causa, correspondendo a 27% dos dados. Essa relação proposicional desaparece, em 2000, mas aumenta, consideravelmente, o percentual relativo à superposição tempo/condição, que passa de 8%, em 1980, para 36% em 2000. Assim, observamos que os itens *dia* e *hora* apresentam um padrão regular no interstício de tempo que separa as duas amostras.

As construções com *época* que, em 1980, se concentram na codificação da noção de tempo, em 2000, diminuem um pouco essa preferência e abrem

espaço para a relação tempo/causa. É interessante apontar a ausência da relação proposicional tempo/condição para estas construções. Esse comportamento mais restritivo das construções com o item *época* parece estar associado à seleção modo-temporal dessas formas que ocorrem com verbos no pretérito do indicativo, contexto que não favorece uma interpretação condicional, já que é temporalmente situado.

A nossa análise fornece evidências de que, embora possam ser observadas particularidades em função do item temporal nuclear, essas orações se expandem para outras relações semânticas no domínio funcional da condicionalidade, aproximando-se das hipotáticas temporais. Na presença das construções com *dia*, nas duas amostras, podem emergir as três relações semânticas, evidenciando maior flexibilidade quanto à relação proposicional, o que as aproxima de forma mais clara das hipotáticas temporais. Na presença das construções com *hora*, emergem, inicialmente, os três tipos de relação proposicional e a ausência da relação proposicional de causa, na amostra de 2000, pode ser apenas uma consequência de particularidades textuais. O fato de a noção de condição poder ser realizada pelo item *hora*, parece indicar que a possibilidade de expressão de condicionalidade não fica restrita apenas aos itens de sentido mais amplo ou mais ambíguo. E, por último, a construção com *época* se apresenta mais restritiva, nas duas amostras de fala, possibilitando unicamente a emergência de relações situadas no plano do [+realis], quais sejam as de tempo e causa, além de ser a construção que mais se concentra na relação temporal.

### 3 Disposição sintagmática das orações

A flexibilidade da oração no período é um outro critério que pode auxiliar na determinação do seu grau de vinculação. Como aponta LEHMANN (1988), as orações hipotáticas são mais flexíveis do que as orações encaixadas que, normalmente, se caracterizam por uma ordem mais fixa. A análise mostra que as orações introduzidas pelas construções com N temporais satisfazem esse requisito de menor vinculação, apresentando duas possibilidades de ordenação em relação à oração com que se relacionam:

**-Anteposição** – as orações introduzidas pelas construções (*Prep*) + *det* + *N temporal* + (*prep*) + *que* se situam na margem esquerda da oração núcleo.

- (8) E: E com as sua irmãs?  
F: Minhas irmãs sim. Minhas irmãs eu tenho contato, tendeu? Não tenho se eu não quisé. **A hora que eu quisé**, eu vou lá, tando duro, com dinheiro, ai eu vo, mas eu é que não quero i. (Censo00)

**- Posposição** – as orações introduzidas pelas construções com os N temporais se situam na margem direita da oração com que se combinam.

- (9) E- Catalina (era) um tipo de avião?  
F- É um tipo de avião comercial que veio da (hes) durante a guerra, não é? Precisava de alguém para consertar o avião **na hora que parava**, não é? (censo80)

A ordenação preferencial das orações focalizadas, nas duas sincronias de 80 e 2000, pode ser observada na tabela abaixo.

**Tabela 5** - Posição da oração introduzida pela construção (Prep) + det + N temporal + (prep) + que - Décadas de 80 e 2000

Posição	Dia		Hora		Época	
	1980	2000	1980	2000	1980	2000
Anteposição	13/15= 86.5%	8/9= 89%	16/24= 66%	7/9= 78%	8/11= 73%	7/9= 78%
Posposição	2/15= 3.5%	1/9= 11%	8 /24= 34%	2/9= 22%	3/11= 27%	2/9= 22%

Podemos constatar que, independentemente do N temporal, a anteposição das orações introduzidas pelas construções analisadas é a ordem predominante nas duas sincronias. No que se refere às construções com *hora*, pode-se verificar um significativo aumento de anteposição na sincronia de 2000, indicando seu alinhamento com as outras construções no que se refere à disposição sintagmática. Embora os índices relativos às construções com *dia* e *hora* não se modifiquem de forma significativa no intervalo de tempo que separa as duas amostras, eles sinalizam um aumento da distância entre as duas formas de disposição sintagmática, aproximando-se de uma quase fixação de ordem.

Estes resultados podem ser tomados como uma evidência adicional da natureza hipotática das orações introduzidas pelas construções (Prep) + det + N temporal + (prep) + que e do seu comportamento paralelo ao das orações temporais hipotáticas. Como já constataram diversos trabalhos sobre a modalidade falada do português brasileiro (BRAGA, 1999, GORSKI, 1996, LIMA-HERNANDES, 1998), as orações temporais são predominantemente antepostas (cerca de 80%) a seu núcleo. Essa tendência parece ser um fenômeno translingüístico, como mostram os estudos de FORD (1988), RAMSAY (1987) e CHAFE (1984), que apontam resultados similares para as orações temporais do inglês.

## Considerações finais

Ao longo deste artigo, apresentamos algumas evidências de que as orações com N temporais vão apresentando, gradativamente, o padrão característico das orações hipotáticas temporais, conjugando um conjunto de propriedades muito semelhante aos das orações hipotáticas introduzidas pelo conector *quando*. Tomando como base alguns critérios freqüentemente

reveladores do grau de vinculação entre duas orações, mostramos que, do ponto de vista gramatical, nos períodos organizados com essas construções, ocorrem mais freqüentemente sujeitos não correferenciais, explícitos e pronominais. Do ponto de vista semântico, esses períodos apresentam a mesma ambigüidade que caracteriza aqueles construídos com *quando*, permitindo a emergência de diversas relações semânticas (tempo, causa e condição). Do ponto de vista da organização sintagmática, mostramos que essas orações, assim como as temporais de *quando*, são predominantemente antepostas a sua oração núcleo.

A análise em tempo real permitiu evidenciar que, no interstício de tempo considerado, manifesta-se uma certa ampliação semântico-funcional dessas orações acompanhada de uma fixação de ordem que reforça sua inclusão no conjunto das orações hipotáticas. Dessa forma, podemos dizer que, na medida em que avança o processo de gramaticalização das construções (*prep*) + *det* + *N temporal* + (*prep*) + *que*, tende a se fixar uma interpretação dessas orações como temporais ligadas a seu núcleo por uma locução conjuntiva.

### Abstract

In Brazilian Portuguese, the clauses introduced by the constructions *na hora (em) que*, *no dia (em) que* and *na época (em) que* can be interpreted as a temporal name modified by a relative clause introduced by the relative pronoun *that*, or as a hypothatic temporal clause introduced by a complex conjunction. By a real time analysis of the grammatical, semantic and syntagmatic properties of these clauses, we provide evidences for the second interpretation.

Keywords: Functionalism; Clause integration; Temporal hypothaxis.

### Notas

- <sup>1</sup> Encontramos também ocorrências com os seguintes itens: semana, ano, momento, vez, tempo e período.
- <sup>2</sup> Trata-se das amostras Censo 1980, coletada no período de 1980 a 1984, e a amostra Censo 2000, constituída entre os anos de 1999 e 2000, ambas fornecidas pelo Projeto Peul (Cf. PAIVA e DUARTE, 2003). As duas amostras são compostas de entrevistas realizadas com falantes cariocas e estratificadas segundo as variáveis sexo (homens e mulheres), 4 faixas etárias (7 a 14, 15 a 25, 26 a 49 e acima de 50 anos) e de três níveis de escolaridade (1º segmento do Ensino Fundamental, 2º segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio).

### Referências bibliográficas

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BRAGA, M. L. Os enunciados de tempo no português falado no Brasil. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, p.443-460, 1999. V. VII: Novos estudos.

CARVALHO, C. dos S. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. Tese (Doutorado em Lingüística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CEZÁRIO, M. M. da C. *Graus de integração de cláusulas com verbos cognitivos e volitivos*. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

CHAFE, W. *How people use adverbial clauses*. Proceeding of the tenth meeting of the Berkeley Linguistics Society, pp. 437-450, 1984.

DENDALE, P.; TASMOWSKI, L. Introduction: Evidentiality and related notions. *Journal of Pragmatics*, n. 33, p. 339-348, 2001.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio 'Evite pronome' no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

\_\_\_\_\_. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L (Org.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 115-128, 2003.

FORD, C. *Grammar in ordinary interaction: the pragmatics of adverbial clauses in conversational English*. Phd. Dissertation, University of California, Los Angeles, 1988.

GORSKI, E. Variação na ordem das cláusulas e coesão discursiva. In: I ENCONTRO DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DO CONE SUL - UFRGS -1996.

HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. *Subordination in universal grammar*. Proceedings of the tenth meeting of the Berkeley Linguistic Society. Berkeley, Berkeley Linguistics Society, 1984, p. 510-523.

KOCH, I. G.V. A articulação entre orações no texto. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n.28, p. 9-18, Jan/Jun, 1995.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J. & THOMPSON, S. A. (eds.) *Clause combining in Grammar Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1988, p. 181-225.

LIMA-HERNANDES, M. C. P. *Gramaticalização de combinação de cláusulas: orações de tempo no português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Relational propositions in discourse. *Discourse Process*, 9, p. 57-90, 1986.

MENDES, A. *Orações complexas de tempo no português escrito do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MIRA MATEUS, M. H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Almedina, 1983.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: EDUNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L. Introdução: A mudança lingüística em curso. In: PAIVA, M. da C. de; DUARTE, M. E. L (Orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 13-30, 2003.

PEREIRA, M.H. *Ordenação das orações temporais no discurso escrito*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_. *Reanálise e gramaticalização de conectores temporais: uma análise em tempo real*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

RAMSAY, V. The functional distribution of preposed and posposed “if” and “when” clauses in written narrative. In: TOMLIN, R. S. (ed). *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam, John Benjamins, 1987.

SOUZA, M. S. C. de. *A hipotaxe adverbial temporal: uma abordagem funcionalista*. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade do Estado de São Paulo, São Paulo, 1996.

THOMPSON, S. A. Subordination and narrative event structure. In: TOMLIN, R.S. *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam: John Benjamins, p.435-454, 1987.